



SINOPSE SINTIUS

Informativo diário do Sindicato dos Urbanitários

28/04/2022



Disponível em nosso site: <https://sintius.org.br>

IPCA-15 tem maior inflação para abril em 27 anos

Puxada pela disparada da gasolina, a inflação medida pelo IPCA-15 (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15) acelerou para 1,73% em abril, informou nesta quarta-feira (27) o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

É a maior variação para o mês em 27 anos. Ou seja, desde abril de 1995 (1,95%), período inicial do Plano Real. Em março de 2022, o IPCA-15 havia subido 0,95%.

Mesmo com a forte alta, o resultado de abril veio abaixo das estimativas do mercado financeiro. Na mediana, analistas consultados pela agência Bloomberg projetavam avanço de 1,84%.

Com os dados de abril, o IPCA-15 passou a acumular alta de 12,03% em 12 meses. É a maior desde novembro de 2003 (12,69%). Até março deste ano, estava em 10,79%.

"Houve até uma surpresa com o IPCA-15 abaixo das expectativas, mas o contexto ainda é de uma inflação muito pressionada", afirma o economista Luca Mercadante, da Rio Bravo Investimentos.

O índice oficial de inflação no Brasil é o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), também divulgado pelo IBGE.

Os preços foram coletados de 17 de março a 13 de abril. Isso significa que o índice captou reflexos econômicos da fase inicial da guerra entre Rússia e Ucrânia.

Com o conflito no Leste Europeu, houve disparada das cotações do petróleo no mercado internacional, o que levou a Petrobras a promover um mega-aumento nos preços de combustíveis nas refinarias em 11 de março.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, quinta-feira 28 de abril.

Bolsonaro deve fechar 2022 com mais da metade dos brasileiros na pobreza

Com desmonte de políticas sociais e econômicas, país precisará de pelo menos mais oito anos para retomar o melhor índice de redução das classes D e E, registrado em 2014

São Paulo – O jornal Valor Econômico publicou nesta terça-feira (25) um estudo da Tendências Consultoria que prevê que o total de domicílios brasileiros considerados como de classes D e E deve fechar o ano em 50,7%. Uma década atrás, no entanto, as duas classes representavam 48,7% do total. Além disso, as projeções de longo prazo da consultoria indicam que somente em 2028 o país deve retomar aos níveis de 2014, quando registrou sua melhor marca, com 47% da população nas classes D e E.

O estudo considera como classes D e E os domicílios que tiveram renda mensal familiar de até R\$ 2,9 mil em novembro de 2021, considerados “pobres” e “extremamente pobres”. Nessas classes, a informalidade é muito mais comum e a renda, além de volátil, oscilou durante a pandemia, aumentando a dependência dos programas de transferência social.

De acordo com o economista Lucas Assis, responsável pelo estudo, 47,1% da renda desse grupo vem do trabalho. Outros 39% da Previdência Social (aposentadorias). O auxílio Brasil e o Benefício de Prestação Continuada (BPC) respondem atualmente por 12,3%.

Por sua vez, na classe C a renda do trabalho responde por 90,8% dos recursos. Na classe A, três quartos (74,8%) da renda vêm de “outros” (como ganhos de capital com juros e dividendos, que não são tributáveis), e apenas 24,8% recebem renda do trabalho.

“A classe D/E é a que forma a base da população brasileira, é a mais vulnerável economicamente. É uma população que tem participação relevante dos salários na sua renda, mas depende muito das transferências sociais”, afirmou o economista.

Saiba mais em: Rede Brasil Atual, quinta-feira 28 de abril.

Preço do gás de cozinha é o maior do século e compromete 9,4% do salário mínimo

O preço do Gás Liquefeito de Petróleo (GLP) de 13 quilos, ou gás de cozinha, bateu recorde histórico neste mês de abril, atingindo a maior média mensal real, descontada a inflação, desde o início da série histórica do levantamento de preços da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), iniciada em 2001.

O botijão de 13kg é vendido no Brasil a um valor médio de R\$ 113,48, segundo a ANP, representando 9,4% do salário mínimo, o patamar mais elevado desde março de 2007 - quando o botijão custava R\$ 33,06 e o salário mínimo era de R\$ 350.

O levantamento é do Observatório Social da Petrobras (OSP), organização ligada à Federação Nacional dos Petroleiros (FNP), com base no preço médio mensal do GLP e na média de valores semanais de revenda no mês de abril, divulgados pela ANP.

Os dados mostram que em março passado, o gás de cozinha já tinha alcançado o maior preço médio real da série histórica, sendo vendido a R\$ 109,31. Antes disso, o recorde tinha sido registrado em novembro de 2021, com o preço médio de R\$ 106,50.

Segundo o economista Eric Gil Dantas, do OSP e do Instituto Brasileiro de Estudos Políticos e Sociais (Ibeps), o gás de cozinha voltou a comprometer o salário mínimo na mesma proporção de 2007. "Nesses 15 anos, com a manutenção do preço do gás de cozinha e a valorização do salário mínimo, essa proporção foi caindo, mas houve uma inversão em 2017 com a alta dos valores do GLP e o aumento real do salário mínimo", ressalta.

Saiba mais em: A Tribuna, quinta-feira 28 de abril.

Em alta no campo, leite pressiona taxa de inflação

A pressão vai continuar. Os preços estão elevados no campo, uma alta gerada pelo aumento dos custos dos insumos. No ano passado, foram os grãos, que pararam de subir, mas ainda estão em patamar elevado. Agora, a pressão vem dos fertilizantes e de outros insumos.

"O produtor vê as margens ficarem estreitas há vários meses e se vira como pode para fechar as contas", diz Natália Grigol, pesquisadora do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada).

Os custos no campo aumentaram muito, com reajustes principalmente na alimentação dos animais. Além disso, energia e transporte têm peso grande no setor, bem como a suplementação alimentar, que depende do dólar.

O efeito La Niña nas pastagens faz a alimentação dos animais ficar ainda mais dependente dos grãos, o que deverá ocorrer principalmente nesta entressafra de abril a setembro.

Tudo isso levou o produtor a reduzir os investimentos de curto e de longo prazos. Redução nos custos da alimentação e descarte de vacas provocaram uma redução na oferta de leite. De fevereiro de 2021 a fevereiro de 2022, a captação de leite foi 8% menor no país.

Essa redução na oferta de matéria-prima no mercado provocou uma disputa maior entre as indústrias. Na primeira semana deste mês, o litro de leite estava a R\$ 2,54 no chamado mercado spot — negociações entre as indústrias. Na segunda quinzena, subiu para R\$ 3,02, uma alta de 19%.

Além do custo da matéria-prima, as indústrias estão absorvendo também as elevações de preços da energia e das embalagens. Houve repasses para os consumidores em março, mas, neste mês, eles estão mais complicados, afirma Grigol.

Não bastassem os problemas de custos internos, a atividade leiteira depende do mercado global. Os preços estão em patamares elevados, a guerra interfere no mercado e os insumos não devem ter redução de preço a curto prazo. É uma situação nova, diz a pesquisadora do Cepea.

A taxa de câmbio também interfere nesse mercado. Favoreceu as exportações no primeiro trimestre, mas, a partir deste mês, elas começam a cair. A valorização do real faz o produto brasileiro perder competitividade. De outro lado, se o dólar cai, facilita as importações.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, quinta-feira 28 de abril.